

PRÁTICAS COTIDIANAS DE PESQUISAR E PRATICAR CURRÍCULOS:
JORNAL ELETRÔNICO E A CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS

Alessandra da Costa Barbosa Nunes **Caldas** – UERJ

Agência Financiadora: CNPq

O presente trabalho procura trazer para o campo da educação, e assim para o campo de currículo, a discussão da divulgação científica, já bastante avançada em outras áreas de conhecimento. A proposta é abordar a temática em questão a partir da análise dos ‘usos’ de um Jornal Eletrônico por de professores/pesquisadores, com a finalidade de compartilhar o que vem sendo produzido em pesquisas e práticas curriculares desenvolvidas em torno da relação imagens e educação, além de discutir a importância da divulgação científica pela Internet; entendida como ferramenta capaz de auxiliar na tessitura de alternativas curriculares.

Este trabalho está relacionado àqueles que se desenvolvem nos estudos nos/dos/com os cotidianos, o que nos tem permitido compreender as múltiplas redes de relações e significados tecidas nos diversos contextos cotidianos em que vivemos.

Desejo, com a pesquisa desenvolvida, mostrar como cotidianamente tem sido tecidas relações entre usuários/professores/pesquisadores por meio de um Jornal Eletrônico, vinculado a um Programa de Pós-graduação em Educação, ultrapassando dessa forma a idéia subjacente à expressão ‘divulgação científica’, que sugere uma unitariedade e/ou, no mínimo, uma segregação entre cientistas e “todo o resto” (CERTEAU, 1994). Ao fazerem ‘usos’ diversos e imprevisíveis dessa mídia, esses usuários/professores/pesquisadores põem, literalmente, os conhecimentos produzidos para circular, possibilitando apropriações, ressignificações e criação de outros conhecimentos em/nas redes.

Entendo que esses ‘usos’ e relações permitem mostrar como não são verdadeiras idéias preconcebidas do tipo: “os professores não querem saber do computador” ou “os professores não usam as tecnologias que as secretarias (“o governo”) colocam à disposição nas escolas”. Pretendo, com esse intuito, indicar como se desenvolvem múltiplas relações entre usuários/professores/pesquisadores e artefatos culturais, nas quais co-engendram-se diferentes usos das tecnologias em *espaçotempos*¹ de novas relações entre as escolas e as universidades, possibilitando o

¹ No grupo de pesquisa, o uso desses termos, como de outros, nessa escrita aglutinada tem o sentido de mostrar os limites que o modo dicotomizado de analisar os acontecimentos sociais, herdada da modernidade, no que se refere às necessidades das pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

enredamento de *saberesfazeres* diversos constituídos em suas práticas cotidianas de pesquisar e praticar currículos.

Redes de conhecimentos, educação, cotidiano e currículo

É no cotidiano de cada praticante que podemos identificá-los com atores/autores, como pessoas que criam com aquilo com que tomam contato, não como sujeitos passivos, e é Santos (2000) quem lembra que somos uma ‘rede de subjetividade’ constituída das múltiplas relações que vivenciamos em diferentes contextos. Este autor nos diz ainda, que cada um dos contextos é um ‘mundo da vida’ servido por um saber comum, é, em suma, uma comunidade de saber.

Analisar os trabalhos de autores tão variados, que criam conhecimentos e articulam valores durante o uso que fazem das técnicas criando tecnologias², nos possibilita observar algumas preocupações comuns no campo educacional e da comunicação, principalmente ao que se refere em descentralizar idéias focadas na produção. Buscamos então uma perspectiva diferente que procura compreender como as apropriações, as articulações e as negociações se verificam no processo de recepção e no processo de uso. Isto quer dizer que a criação de conhecimentos ocorre para além da transmissão e da recepção passiva dos mesmos, ou seja, em suas práticas cotidianas os usuários das mídias e outros recursos da comunicação e da educação fazem ‘usos’ diversos, como lhes é possível, de produtos de vários tipos: por meio de produtos materiais - televisão, computador, livros etc. E por meio de produtos ideológicos: as propostas curriculares de um governo ou o programa de um partido – dentre eles incluídos, as imagens e as narrativas cotidianas. Nessas ‘operações de usuários’ (CERTEAU, 1994), engendram-se possibilidades de conhecimentos para além do que foi oferecido ou imposto.

Considerando-se as várias possibilidades de interatividade permitidas pelas novas tecnologias, torna-se imprescindível, portanto, pressupor nesse estudo a não passividade do sujeito, já discutida há alguns anos. Mas agora parece um tanto quanto simples dizer que a não passividade do sujeito reside nas mediações e na criação de novos significados que ele faz a partir dos produtos culturais que recebe prontos da

² Na pesquisa, entendemos *tecnologias* como os modos como os *praticantes* usam os *artefatos culturais* com que se deparam nas contingências das *redes de conhecimentos e significações* de que participam.

televisão ou de outros meios massivos. Até porque as formas de produção e distribuição dos bens e serviços culturais também mudam. Para Martín-Barbero (1997, p. 54), esse “novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de comunicar, transforma o conhecimento numa força produtiva direta”. Um dos significados a que a afirmação do autor remete é que nesse novo modo de produzir, o receptor também encontra espaço para comunicar. Poder-se-ia pensar então que o sujeito agora pode ser considerado, literalmente, ativo no processo de comunicação; ele participa ativamente do passo da informação para o conhecimento. Em suma, o usuário é potencialmente, ao mesmo tempo, ‘produtor’, ‘autor’, ‘crítico’, ‘espectador’, ‘colaborador’, ‘contemplador’, ‘conhecedor’, ‘criador’...

Já que vivemos em uma sociedade em rede, em que o fluxo de informações é extremamente rápido, faz-se necessário estabelecer eficientes canais de comunicação. Além disso, todo o saber científico e todos os avanços técnicos acumulados pela sociedade são, antes de tudo, um patrimônio histórico destinado ao uso universal (LÉVY, 1993). Dessa forma, o conhecimento científico deve ser acessado e apropriado por todos. Olhar para a Internet como uma rede significa observar as articulações que ocorrem no seu interior, a partir das conexões formadas, das relações. O formato da rede, entendido sob uma perspectiva da sociabilidade humana, permite assim colocar em evidência as trocas horizontais que fluem nas variadas direções.

Essa nova configuração do modo de comunicação humana exerce implicações diretas no campo de educação, uma vez que estabelecem novas formas de produzir/criar o conhecimento, sendo possível alocar, apropriar, circular e re-organizar informações e conhecimentos, bem como promover uma maior acessibilidade e difusão dessas criações.

Educação, comunicação e práticas curriculares

O Jornal Eletrônico pesquisado tem, a cada mês, uma edição organizada por um grupo de pesquisa diferente. Os oito grupos que alternam as edições do Jornal têm sua identidade própria, pesquisas próprias, mas têm em comum o trabalho com imagens, o respeito aos cotidianos como *espaçotempo* de invenção permanente de conhecimentos e a convicção de que os professores, nas escolas em que atuam, são grandes inventores de conhecimentos e, como tal, têm muito a dizer sobre suas vivências e criações.

O intuito do Jornal Eletrônico é romper a barreira simbólica que estabelece uma hierarquia de conhecimentos desde a produção intelectual da escola fundamental até a universidade. Usando a Internet como um artefato cultural, o Jornal propõe a possibilidade de mudar o modelo de comunicabilidade entre a universidade e a escola fundamental, desenvolvendo uma prática dialógica, recriando a proximidade e acompanhando as práticas curriculares dos espaçostempos envolvidos.

Assim, como ALVES (2001), entendo toda a produção feita em pesquisa, sempre como obra coletiva, remetida aos grupos de pesquisa que produziram os conhecimentos que vão sendo colocados à disposição pública, tanto quanto aqueles que, em pesquisas educacionais, participam das redes educativas que são analisadas. Ou seja, uma obra não tem sua criação ligada simplesmente à subjetividade criadora de seu autor, nem exclusiva, nem principalmente. A esse respeito SOUSA DIAS (1995) nos lembra que

com os acontecimentos de uma vida, as coisas, gentes, livros, idéias e experiências que consubstanciam em nós, insensivelmente até com os nossos devires e que traçam a nossa autêntica individualidade. E faz-se com tudo isso não enquanto vivências subjetivas, percepções, afecções e opiniões de um eu, mas como singularidades pré-individuais, infinitivos supra-pessoais e, como tal, partilháveis, 'comunicáveis', correntes de vida transmissíveis. Escreve-se, pinta-se, compõe-se sempre com a multiplicidade que há em nós, que cada um de nós é, o sujeito criador é sempre coletivo, o nome do autor sempre a assinatura de uma sociedade anônima (p.104-105).

O trabalho desenvolvido, busca criar *espaçostempos* para *narrativas e conversas*, a partir de imagens e textos, produzidos com vista à divulgação científica dos resultados de pesquisas. Mas do que divulgação, portanto, o que propomos é uma circulação da produção de conhecimento renovado, indagador e questionador; possibilitando uma 'conversação científica'. O 'uso' da divulgação científica como motivo para pensar a circulação de conhecimentos, descentralizando a necessidade de uma linearidade temporal para produção e divulgação de conhecimentos; de delimitações, comparações e hierarquizações entre ciência, educação e divulgação. Transformações que ressoam em nossas possibilidades de expressão, sensação, entendimento, *ensinoaprendizagem* pelos mais diversos espaços formais e não-formais de ensino.

Essa é uma metodologia, com ênfase na *oralidadeescritavisualidade*, partindo da compreensão de que vivemos em *culturas híbridas* (CANCLINI, 1998), o que

significa que nelas, necessariamente, há infinitudes de *espaçotempos* para as *falasescritas* e para as *imagenssons*, de diversos tipos. Entendo que são nesses múltiplos e complexos ‘encontros’ que são reproduzidos, transmitidos e criados artefatos e relações culturais.

Neste sentido, esta pesquisa, propõe colocar em diálogo o que vai sendo descoberto em ciência no campo da educação gerando contatos ágeis entre a universidade e aqueles que se encontram nas diversas redes cotidianas e, em especial, os praticantes docentes das múltiplas redes educativas existentes (ALVES, 2007).

A melhor maneira de demonstrar o que estes grupos vêm divulgando sobre as suas pesquisas no Jornal Eletrônico foi ler os editoriais de suas edições, no seu primeiro ano de publicação. Assim, analisamos as propostas feitas nos editoriais da 1ª a 8ª edição, para observar como tem sido feito o *uso* deste artefato cultural de acordo com os objetivos dos estudos que estes grupos se propõem a pesquisar.

Na 1ª edição temos a apresentação do Jornal, expressando o desejo de seus organizadores em fazer um Jornal Eletrônico diferente, marcado por uma singularidade e fazendo uma contribuição que nenhum outro tenha feito. E aproveitam para fazer um convite às pessoas que desejam conversar sobre a temática educação, imagem e outras coisas mais:

Estamos no ar. Mas também estamos na terra, na água, no fogo... nos espaçotempos escondidos, nos bem à mostra; nos momentos de tensão e desânimo, nos de leveza e animação; nas atitudes curiosas, nas de sabedoria, nas arrogantes, nas humildes. Estaremos onde estiver cada pessoa que, querendo conversar sobre educação, escola, imagem, cotidiano ou outro assunto qualquer, nos presenteie com sua participação. E peço, mais uma vez, ajuda a Drummond para fechar esse primeiro editorial que, antes de qualquer outra intenção que devam ter os editoriais, pretende ser um convite à participação das pessoas nessa interminável conversa sobre as coisas da educação e da escola e outras mais. (ANO I • NÚMERO 1 • MAI-JUN/2007)

Já na 2ª edição do Jornal temos um editorial bem convidativo a pensar. *O que temos a dizer sobre as imagens que vemos? O que essas imagens propõem ao nosso olhar?* Dentro da perspectiva de que

crianças e jovens contemporâneos, nascidos sob o signo da profusão das imagens técnicas, muito do que sabem sobre o mundo e sobre si mesmas, aprenderam com as imagens, com os audiovisuais, com a escrita eletrônica, sobretudo, as veiculadas nos espaços das mídias. Compreender suas culturas e sua singularidade implica, necessariamente, uma abertura a dialogar com os sentidos que as mídias adquirem na sua vida cotidiana. (ANO I • NÚMERO 2 • JUN-JUL/2007)

Nesta 2ª edição o grupo responsável propõe em seus estudos compreender a relação que as crianças mantêm com as diversas mídias, fazendo uso das mídias que temos ao nosso dispor. Considerando a escola como um espaço de socialização privilegiado, onde as crianças, com seus pares, constroem inúmeras mediações e sentidos para aquilo que vêem, lêem e assistem.

No editorial da 3ª edição, temos a apresentação de uma edição envolvida com o que foi discutido em um seminário internacional sobre conhecimentos, tecnologias, práticas educativas, cotidiano e cultura. A partir da interação do grupo com outras vozes de outras realidades, puderam compartilhar suas incertezas e somar suas experiências ao complexo objeto de suas investigações, que é: a relação de crianças e jovens com a imagem técnica. A partir da troca de idéias nos debates e da motivação para a feitura desta edição constataram que as

crianças e jovens estão, de fato, vivendo sob um novo paradigma que modifica suas relações com o conhecimento e com a cultura, nada mais importante do que nos harmonizarmos com eles, enfrentando o desafio de compreender mentes que "pensam em audiovisual". Se assumir esse desafio não é tão simples assim, ousá-lo poderia ser uma abertura ao campo do possível. É o que nós, do grupo de pesquisa, vimos procurando fazer, ao nos aproximarmos da relação intensa de crianças e jovens ao mundo das imagens. Mundo que para fazer sentido tem que ser coabitado, compartilhado. (ANO I • NÚMERO 3 • AGO-SET/2007)

Na 4ª edição do Jornal, o editorial é dedicado ao cotidiano, *seus estudos, seus modos de ser abordado, sentido, tratado e pensado, e por que não, visto, nas imagens que o integram*. Baseado na epígrafe de Boaventura de Souza Santos – *O reencantamento do mundo pressupõe a inserção criativa da novidade utópica naquilo que nos é mais próximo* - nos diz que é necessário

buscarmos reencantar o mundo à nossa volta e que o façamos a partir da nossa vida cotidiana, dos momentos nos quais, como ensina José Machado Pais³ “aparentemente nada se passa” (2003). Nessa tentativa, [...] vimos trabalhando em busca de novas formas de “narrar a vida”, buscando “literaturizar” a ciência” (Alves, 2001⁴), bem como vivê-la, de modo cooperativo e em busca de torná-la cada vez mais bonita (Victorio Filho, 2005⁵). Esse jornal vem sendo uma expressão disso, trazendo nas suas várias seções, diálogos diferenciados com diferentes aspectos da

³ Cf. PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

⁴ Cf. ALVES, Nilda. Decifrando o Pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês B. e ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 13-38.

⁵ Cf. VICTORIO FILHO, Aldo. *A arte da/na educação: a invenção cotidiana na escola*. Rio de Janeiro: UERJ. Tese de doutorado, 2005.

questão educativa., sempre incorporando as imagens como uma linguagem complementar e necessária pelo que suscita de possibilidades para além do que pode o texto escrito. (ANO I • NÚMERO 4 • OUT-NOV/2007)

Continuando a observar o que os grupos têm divulgado no Jornal Eletrônico através de *conversas* sobre *práticas* presentes, passadas e futuras, com os próprios *praticantes* delas. No editorial da 5ª edição, o grupo responsável enfatiza seu objetivo:

o grupo de pesquisa [...] nasceu e vive de pensar a leitura como “substantivo plural”, em pelo menos dois sentidos: o de que o suposto sentido (mais) correto existe na exata medida da sua inscrição no discurso autoritário; e o de que a leitura ainda tende a ser pensada a partir dos parâmetros da linguagem verbal escrita, embora as tecnologias permitam que os textos produzidos não se restrinjam mais às palavras. (ANO I • NÚMERO 5 • NOV-DEZ/2007)

O grupo se dedica a focar nesta edição o mundo da ilustração polemizando a dança feita por palavras, imagens e sons. Pois, *Palavras, imagens e sons nem sempre dançam para a convergência, reforçando umas às outras. Abrem diferentes possibilidades de leitura, remetendo a sentidos diversos: pra lá e pra cá.* E para reafirmar esta tese indagam: *quem nunca passou pela experiência de estar apenas ouvindo a TV e, ao olhar para ela, se deparou com imagens diferentes das que palavras e sons haviam sugerido?* Nesse sentido, é feito um convite aos leitores para passear neste mundo lúdico e imaginário e também polêmico da ilustração, tendo consciência de que: *“ler [...] é saber que o sentido pode ser outro”,* Orlandi (1998, p. 12).

Lendo o editorial da 6ª edição podemos observar como este grupo se vê divulgando o que pensa, o que sente e o que trabalha em suas áreas de atuação. Trata esse número do Jornal Eletrônico como um 'Conselho virtual de *naparamas*', apropriam-se do termo trazido na epígrafe⁶ do texto para dizer que os que colaboram com esse Jornal são 'guerreiros' e 'guerreiras' que fazem parte de um conselho que luta pela educação, pela cultura e pela arte, e são, também, formadores de outros tantos *naparamas*. O grupo de pesquisa apresenta aos leitores o que vêm pesquisando e o que pretende abordar na edição nº 6:

como a nossa pesquisa neste momento tem como foco as memórias, narrativas e práticas da diáspora africana no Brasil e as redes educativas

⁶ Naparamas - (...) Eram guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que lutavam contra os fazedores da guerra. Mia Couto, in Terra Sonâmbula.

que se estabelecem a partir delas, trouxemos um pouco do que temos discutido: os processos educativos, os de atualização identitária e os processos de negociação cultural nos quais estes sujeitos estão envolvidos. cremos que falar de práticas culturais afro-brasileiras e de sujeitos afrodescendentes é não só falar de mudanças na forma de olhar para o “outro”, mas para nós mesmos. É falar de cultura popular, de acesso à universidade, de religião e de corporeidade: tudo o que está contemplado aqui nesse número de um ou outro modo, e tudo que tem a ver com as redes educativas nas quais estamos inseridos em nossos cotidianos. (ANO I • NÚMERO 6 • DEZ/2007-JAN/2008)

Não podemos deixar de falar sobre o agradecimento que foi feito, neste editorial, aos professores que colaboram com textos e imagens para o Jornal. Isto é uma comprovação de que o processo de elaboração do Jornal Eletrônico tem sido tecido por todos aqueles que mesmo atuando em *espaçostempos* diferentes possuem uma preocupação em comum: a temática educação e imagem e a vontade de divulgar suas práticas.

Estamos imensamente gratos a todas e a todos – educadoras e educadores – que trouxeram as imagens e os textos para compor este número do Jornal Eletrônico. A elas e a eles nossa gratidão e uma pontinha momentânea da chamada “inveja boa”. Que belos textos, que imagens preciosas, que gente interessante! Estiveram nas escolas e nos circos, nas missas e nos terreiros, nas galerias de arte e nas rodas de jongo; e trazem as narrativas e as imagens desses cotidianos nos fazendo sentir parte deles. (ANO I • NÚMERO 6 • DEZ/2007-JAN/2008)

O penúltimo editorial que desejamos analisar ficou sob a responsabilidade do grupo de pesquisa *Linguagens desenhadas e educação*. Em seu texto podemos observar a que se têm dedicado os seus estudos e que temáticas irão abordar neste número:

O grupo de pesquisa Linguagens desenhadas e educação, que tem a responsabilidade de inventar esse número do jornal, tem procurado refletir sobre essas múltiplas linguagens e as possibilidades de articulação para compreender a comunicação humana e, mais do que isso, compreender o processo aprendizagensinoaprendizagem a partir desse viés da comunicação. A partir desse entendimento, perceber como as linguagens desenhadas assumem papel importante na aprendizagem das ciências nas escolas é uma das conversas que propomos. Ainda pensando na forte presença da comunicação em nossos ambientes escolares, trazemos também uma conversa sobre como as imagens de pessoas públicas podem impregnar de maneiras de ser os comportamentos dos que ensinam e, por conseguinte, dos que aprendem. (ANO I • NÚMERO 7 • MAIJUNZ/2008)

O último editorial que tem como título *Outros tempos, outras práticas pedagógicas*; e se dedica

aos estudos das relações entre escola, memória e cultura escrita, que privilegia cartas, autobiografias, diários, diários de classe, cadernos escolares, boletins e cadernetas escolares, entre tantos outros documentos produzidos na escola ou sobre a escola e que trazem as marcas da escolarização na vida de cada um e de todos. Monografias, dissertações e teses, concluídas e em andamento, têm procurado contribuir para a preservação da memória da educação brasileira; proporcionar a reflexão sobre as práticas de escrita cotidiana; socializar as pesquisas sobre práticas de escrita no cotidiano escolar; aprofundar as discussões sobre as práticas de memória docente construídas na escola e que, por sua vez, também a constroem; e, analisar intenções educativas, práticas pedagógicas, usos do tempo e a cultura escolar na escrita de alunos. (ANO I • NÚMERO 8 • SETOUT/2008)

Direcionam a 8ª edição do Jornal a desenhos, ilustrações e fotografias presentes em cadernos escolares, em livros produzidos por normalistas e em jornais escolares. A discussão sobre este material vem permitir *pensar em outros tempos e em outras práticas sociais e pedagógicas, convidando a remexer baús de memórias em busca dos sentidos pessoais e coletivos da docência, de ontem e de hoje.*

As pesquisas desenvolvidas nos múltiplos contextos educativos vêm permitindo, pelas enormes possibilidades que abrem, melhor compreender diversas questões teórico-epistemológico-metodológicas, tanto no que se refere aos *espaçostempos* escolares, como no que se refere àqueles fora desses e, em especial, as relações de uns com os outros, em sua múltipla e variada influência.

Essa abordagem possibilita um processo permanente de avaliação sobre o uso e a compreensão que professores e leitores têm da ‘divulgação científica’ na área da educação, compreendida não apenas como informação (mensagem), mas como comunicação, o que implica em relação.

Hoje como nunca aconteceu em toda a história, fala-se em comunicação científica e tecnológica; hoje, como nunca, há governos nacionais ou regionais que apóiam a criação e as atividades no campo da cultura científica e tecnológica; e hoje, como nunca, as próprias instituições científicas e as universidades consideram que a divulgação não é uma desonra, mas faz parte de sua obrigação. Os meios de comunicação de massa já não têm medo de tratar da atualidade das ciências e das tecnologias e recorrem a essas para esclarecer a atualidade em geral. Nunca como neste momento a investigação e o desenvolvimento das ciências e das tecnologias exerceram tão grande influência no nosso modo de vida e de trabalho, nas nossas concepções de espaço e tempo, nas nossas capacidades de intercâmbio e de comunicação em todo o planeta. (VOGT, 2006: 19)

Observando a sociedade em que vivemos, percebemos o quanto os impactos das novas tecnologias têm revolucionado a circulação de informações e a difusão de

conhecimentos científicos. Não há dúvidas de que a socialização dos conhecimentos científicos nos dias de hoje tem-se dado de forma ímpar. A incorporação de novos arranjos das dimensões espaço-temporais e da nova virtualidade, através das novas mídias, vem propiciando a formação de artefatos de comunicação muito rápidos e interativos que integram modalidades sensoriais diversas; a formação de múltiplos e diferenciados grupos envolvidos na produção, disseminação e recepção dos conhecimentos científicos; e a formação de novos modos de pensamento e atribuição de sentidos.

Apostamos nesses percursos, trazidos pela Internet, entre imagens, sons, vídeos e textos que propiciam um navegar caótico pelas ciências, capazes de lançá-las para fora das fixações dos conhecimentos, culturas, currículos. Potência de levar as ciências para além: dos seus limites; das fixações identitárias; das lógicas de oposição e exclusão; da hegemonia; da idéia de funcionamento universal das ciências. Consideramos as possíveis redes da Internet – site, blogs, publicações, redes sociais – meios que deflagram interessantes possibilidades de pensar para o campo da educação e explorar os conceitos de diferença, representação, formação e currículo.

Atualmente, por exemplo, a Internet permite a existência de novos gêneros discursivos, os denominados gêneros digitais, nos quais o acesso às informações se dá por hipertexto. Na Internet podemos observar que cada site é um hipertexto, à medida que cada uma das páginas é construída por vários autores e que cada percurso textual é realizado de maneira original e única pelo leitor cibernético que, através do mouse, poderá no momento em que desejar invadir seu campo, reescrever seus caminhos, optar por outras vias.

Estes novos gêneros digitais chamam nossa atenção pela sua materialidade e a maleabilidade física, pois geram provisoriedade e plasticidade nas informações, afetando substancialmente a nossa forma de construir conhecimentos, de captar o mundo, de atribuir-lhe sentido e de agir sobre ele.

No decorrer desta pesquisa, a cada passo que damos nos caminhos que escolhemos trilhar, em nossas conversas e trocas pela internet, surgem várias questões que nos possibilitam pensar a importância da comunicação, como conversação, tradução e negociação, daquilo que produzimos entre todos aqueles envolvidos no campo científico, tentando estabelecer uma relação de trocas entre o que pensam e o que produzem os pesquisadores e os professores/leitores. Sabendo disso, é preciso reconhecer, no entanto, que ouvir falar sobre essas questões e sobre elas ‘conversar’,

com tudo o que pode trazer, será uma maneira de formar professoras – e pesquisadores interessados nas questões *prácticoteóricas* da educação e seus cotidianos – no contexto do que é necessário às situações práticas que vão/vamos enfrentar. Viver isso, junto, em uma situação de grupo, significa melhor prepará-los e a nós mesmos para resolver o que vai se apresentar no futuro, na área de produção científica dita das ‘ciências sociais e humanas’.

São as vozes sociais e os diversos discursos presentes na nova rede de relações e interações, emergentes no seio da sociedade, que possibilitam o fluxo livre de informações. É nessa rede, pensada em forma de hipertexto, que propomos a circulação de conhecimentos produzidos no campo da educação, por meio de um diálogo no qual todos os envolvidos se assumam como protagonistas.

Referências bibliográficas

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda (orgs). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. *A relação de praticantes docentes com a internet e a produção científica da área da educação, através de ‘site’ de divulgação científica*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007.

CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas – estratégias para entrar y salir de La modernidad*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2ª Ed. 1995.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIAS, Sousa. *Lógica do acontecimento*. Porto: Afrontamento, 1995.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editorial 34, 1993.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 1997.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez-UNICAMP, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000

VOGT, Carlos (org.) *Cultura Científica: desafios*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2006.